



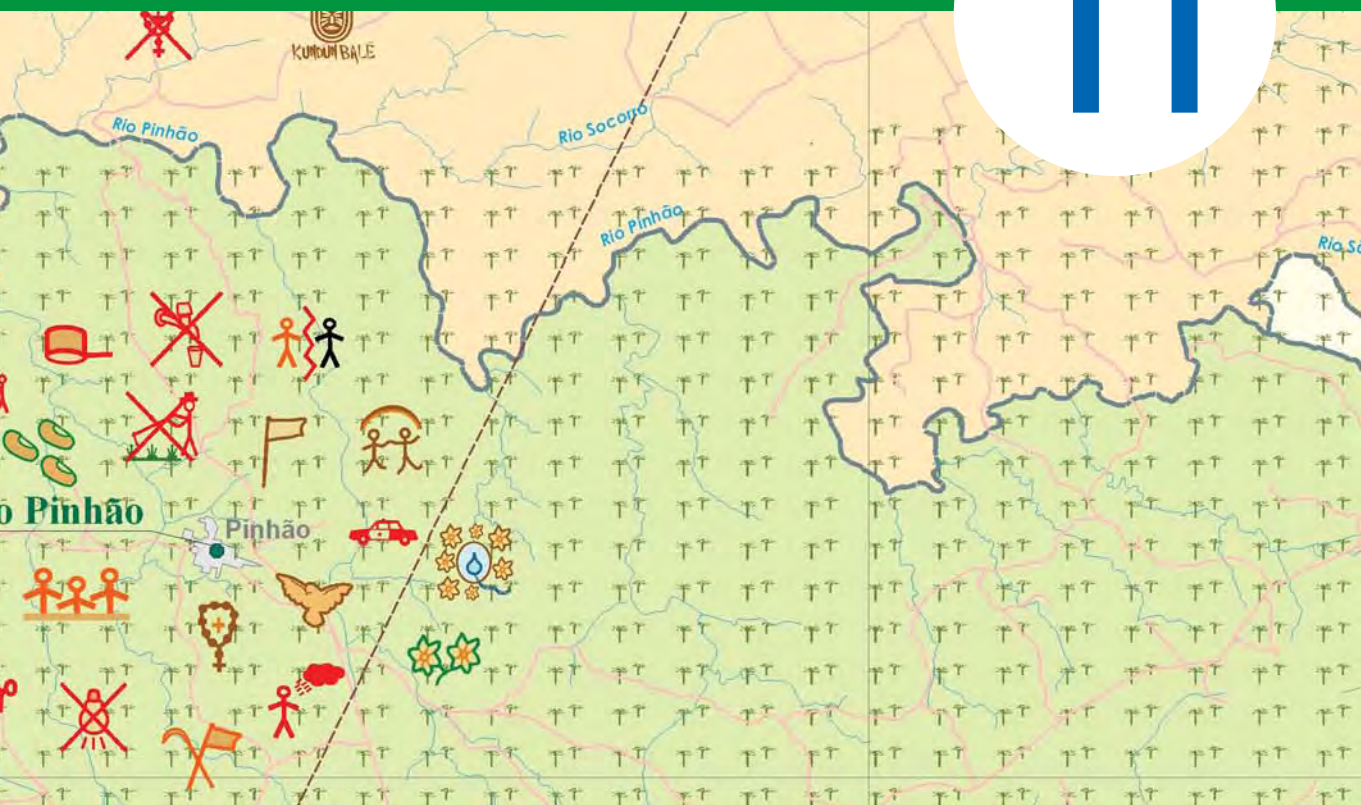
**Associação Pro Reintegração Invernada Paiol de Telha
Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais**

Nova cartografia social dos povos e comunidades tradicionais do Brasil

Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão

Paraná

11





A esquerda Anália Gonçalves dos Santos e a direita Ondina Maria de Jesus em oficina da cartografia no núcleo do Barranco em Reserva do Iguaçu 25 e 26 de outubro de 2007.

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

FASCÍCULO 11

Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão

Guarapuava/ PR, julho 2008

ISBN 85-86037-20-6

Coordenação do PNCSA-PCTB

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Rosa Acevedo Marin (NAEA-UFPA, UNAMAZ)

Joaquim Shiraiishi Neto (PPGDA-UEA)

PNCSA Sul

Roberto Martins de Souza, Antônio Michel Kiiller

Meira, Érika Nakazono, José Carlos Vandresen,

Claudia I. S. dos Santos

Apoio técnico

Dionísio Vandresen, Jefferson de Oliveira Salles,

Loviral Fidelis

Fotografias

José Carlos Vandresen

Roberto Martins de Souza

Cartografia e mapa

Claudia I. S. dos Santos

Projeto gráfico e editoração

design [casa 8] www.designcasa8.com.br

Conselho de Anciães

Domingos Gonçalves Guimarães, Eugênio Gonçalves Guimarães, Joaquina Rosa Gonçalves de Castro, Domingos Gonçalves dos Santos (Santeiro), Anália Gonçalves dos Santos, João Maria Marques de Oliveira, Maria Clara Gonçalves Oliveira, Leoni das Dores, Gonçalves dos Santos, Cinira Rocha dos Santos, Hermínia Soares Vasconcelos, João Ribeiro, Juvenília Soares, Ovídio da Silva, Adalberto Guimarães, Amadeu Gonçalves dos Santos, Maria do Carmo dos Santos, José Alípio dos Santos, José Sidenei de Oliveira, José Soares da Cruz (zelão), Ondina Maria de Jesus, Maria dos Santos, Alfredo Soares, Alcides de Campos, Acir Paulo de Siqueira, Maria Antônia Gonçalves, Maria Tubia dos Santos

Associação Pro Reintegração Invernada Paiol de Telha

Presidente Domingos Gonçalves Guimarães

Vice-presidente Eugênio Gonçalves Guimarães

Secretaria Mariluz Marques Follmann

Tesoureira Eloina Célia Ferreira de Oliveira

1ª Secretária Ângela de Cássia Marques

1ª Tesoureira Dulcymara do Rocio Marques

Membros do Conselho Fiscal

Joaquina Rosa Gonçalves de Castro, Domingos de Paula Guimarães, Evaldo Marques de Oliveira, Regiane de Fátima da Silva, Iradi Terezinha Gomes de Paula, Vanderlei José Marques, Maria Clara Gonçalves de Oliveira, João Maria Marques de Oliveira, Ivete Akari de Mello, Eliane de Jesus de Oliveira, Leoni das Dores Gonçalves dos Santos

Coordenação dos Núcleos

Reserva do Iguaçu\ Acampamento

Paulinho do Patrocínio, Neli Terezinha dos Santos,

João Carlos de Oliveira, Jusemara dos Santos

Guarapuava

Mariluz Marques Follmann, Dulcymara do Rocio Marques

Machado, Eloina Célia Ferreira de Oliveira, Lucila de Fátima da Cruz, Irenice Rocha Penteadó

Pinhão

Manoel Ferreira dos Santos, Thelma Mara Andrade e Silva

Assentamento

Lúisa P. de Viana, Ana Maria A. Cruz, João Maria Soares,

Eliete S. Oliveira, Antônio de Jesus dos Santos

Convidados

Fernando de Andrade Pereira (Comunidade João Sura, Município de Adrianópolis), Maria Arlete da Silva (Comunidade Maria Trindade Batista de Palmas), Antônio Tavares Irmão (Associação dos Atingidos pelo Parque Nacional da Ilha Grande/APIG)

Somos descendentes de ex-escravos.

Herdeiros de Dona Balbina Francisca de Siqueira...

“Foi a Dona Balbina Francisca de Siqueira que doou essas terras para os escravos que trabalhavam com ela. Uns veio da Bahia, outros são daí mesmo, da Invernada Paiol de Telha, uns da Mangueirinha e outros de Coronel Vivida. E os que tão lá dos Ferreira, Santeiros, Ezídio, Soares esses todos são herdeiros, que agora não é mais por herança, são Quilombolas. Somos os herdeiros dos 11 escravos, sou neta de Heleodoro, um dos escravos. Então agora nós estamos trabalhando para receber de volta e estamos com esperança de receber de volta”. **Anália Gonçalves dos Santos**, 77 anos/ Núcleo do Barranco em Reserva do Iguaçu

“Quilombolas são que todas as famílias negras do Brasil. Agora da situação da família da Invernada Paiol de Telha que em modo geral a gente se considera como quilombola e como herdeiro da Invernada Paiol de Telha dos escravos de Dona Balbina Francisca de Siqueira, que foi a que doou a seus 11 escravos. Desses hoje têm descendente que estão aí se batendo em busca da vitória, porque nós perdemos as nossas terras e a liberdade de conviver como nós convivíamos, hoje as coisas estão muito difícil. Não somos aquele quilombola que o governo vai ter que comprar a terra de alguém para doar a eles, que isso é uma mentira porque não está existindo nada é só no papel, não está sendo aprovada nada, nós não somos esses, o que nós queremos do governo é que ele pegue as terras que Dona Balbina deixou para nós, onde diz no documento ‘sem nunca poder dispor disso, ficará como patrimônio dos negros’, nós somos reconhecidos e o documento foi reconhecido”. **Domingos Gonçalves Guimarães**, 74 anos/ Núcleo de Guarapuava



Oficina de mapas 25 e 26 de outubro de 2007, núcleo Barranco Reserva do Iguaçu

Nossa vida no Fundão...

“Nós aqui se divertia, plantava, fazia puxirão, ia em festa, agora nem em festa não podemos mais. A nossa tradição parou, depois que gente perde o que tem fica desanimado de sair.” **Domingos Gonçalves dos Santos**, 77 anos/ Núcleo Barranco de Reserva do Iguaçu

“É... inclusive dói... o que a gente... não queria que acontecesse que era pra bem de todos aqui é dono. Nossa gente ... dono...dói muito...do que...é contarem da vida nossa... a gente... vivia... numa tranquilidade, como irmãos, respeitando, nós tinha muita amizade, tinha e teve. O nosso povo respeitando Deus e todo o mundo. Nasci...nasci, me criei... até a idade de 16 ano, ajudando meu pai... ajudando, nós trabalhava em conjunto com minha irmã... nós fazia... colhia milho... fazia... farinha de biju. No plantio de mandioca, a minhas irmãs fazia farinha de mandioca... bastante mesmo i...às vezes a gente carpia as roça, tinha época, enquanto o milho madurava, nós ia cuidar de porco, engordando porco... a hora que vinha pra casa... ajudava as irmã, porque... perdi minha mãe muito cedo... tinha 5 ano quando perdi minha mãe... daí ficou meu pai como mãe e pai no mesmo tempo... quem conheceu bem eles... lembra muito



Morada de herdeiros da família Guimarães no Fundão



Casamento Eugenio Soares Guimarães e Juvelina Gomes de Paula Guimarães no Fundão

deles... então... naquele tempo nós tinha as coisa... nós tinha monjolo d'água, nós tinha... a... como diz... prensa,... pra... espremer o polvilho... pra chegar na massa... i daí o que é que acontecia... o meu pai tinha carroça... tinha completa... com os animal, tudo". **José Soares da Cruz**, 66 anos/ Núcleo do Assentamento de Guarapuava

"Na época a criação era toda solta e a área de lavoura era fechada. A área de plantar era tudo junto da mãe, dos meus avós, dividido só por planta, fazia puxirão. Um dia trabalhava pra um, outro dia pra outro. Toda vida tinha puxirão: se reuniu 2 ia fazer puxirão era 10, 12 homens". **Ondina Maria de Jesus**, 93 anos/ Núcleo Barranco de Reserva do Iguaçu

"Tinha puxirão dos homens e das mulheres na lavoura, era tudo combinado, cada semana era um puxirão e baile também, ali matava porco, matava galinha e enchia aqueles tacho de quirera com carne de porco, suco de limão e pica-pau, a cachaça com mel. Nas rezas erguia o mastro, fazia procissão, quando chegava na casa erguia

o mastro. Nós festejávamos o Anjo da Guarda, mas tinha outros que festejavam o dia de Todos os Santos: São Sebastião, São Pedro, Santo Antônio; em todos esses se fazia festa. A nossa vida era boa, era trabalhar". **Anália Gonçalves dos Santos**, 77 anos/ Núcleo do Barranco em Reserva do Iguaçu

"Quero voltar pra lá porque minha mãe sempre comentava e dizia pra mim que um dia nós íamos voltar pra lá e eu sempre concordei. Hoje ela está morta, porém, quero continuar o pedido que ela sempre fazia que fosse de voltar para o **Fundão**". **Dinarte Marques**, 50 anos/ Núcleo de Guarapuava

"O passado para nós que vivemos lá era uma vida muito boa, pois nós tínhamos nossas coisas. Tinha vaca de leite, nossos cavalos de montaria, porco, carneiro, produção. A fazenda não tinha sido entregue toda, nós vivíamos num cantinho de 1245 alqueires na medida de hoje. Então a elite guarapuavana achava que nós íamos perturbar os fazendeiros que moravam ao lado, mas, dentro da Invernada Paiol de Telha, porque a Invernada Paiol de Telha é uma área de 3600 alqueires e nós tava só com 1245 alqueires na medida hoje. No Fundão sempre tinha jagunços perseguindo ou observando os negros nas nossas festas de casamento, festas de Santos. Entre nós, vivíamos bem, não tinha miséria, pois tinha o que comer, nós produzia, nós vendia, nós corria por toda a lavoura". **Domingos Gonçalves Guimarães**, 74 anos/ Núcleo de Guarapuava



Croqui feito pela comunidade, referente à área do Fundão de 3600 alqueires herdada pelos 11 ex-escravos libertos por Balbina Francisca de Siqueira

Fomos expulsos de nosso território...

“Que eu tava lá... que eu morava lá **Fundão**. Eu tinha minhas duas crianças... saí de lá , deixei tudo, deixei criação, deixei minha casinha como tava e saímos... pior do que um fugitivo, porque, hoje, quem mata, rouba, se apresenta com um advogado né. Nós não tivemos esse poder, não tivemos essa força, pra nós pegar advogado não podia mesmo né... então saí de lá, deixei tudo, deixei galinha, porco, até meus cachorro... saímos só com a roupinha do corpo e uma cobercinha”. **Maria Vanda Viana Alves/Núcleo do Barranco de Reserva do Iguaçu**

“Tivemos que sair corrido do **Fundão** para não morrer, sofremos muito porque não tinha emprego em Guarapuava, pois fomos morar nessa cidade no Cascavelzinho, no meio do banhado, sofrendo... Quando tinha serviço, trabalhava o dia inteiro com fome, depois que acabava o dia, nós recebíamos, comprava comida pra dar para os filhos, tinha três naquela época. Depois de tanto sofrimento, saímos de lá procurar patrão bom, foi pior ainda, porque tinha dias que o Domingos saía trabalhar longe, o patrão não dava recurso para deixar na casa, as crianças passavam fome. Isso aconteceu quando fomos expulsos do Fundão. Hoje, ainda estamos sofrendo, porque ficar na beira da estrada, no barranco não é vida boa. Mas, estamos lá porque queremos nossa terra de volta”. **Anália Gonçalves dos Santos, 77 anos/ Núcleo do Barranco em Reserva do Iguaçu**

“Eu lembro quando eu, uma irmã minha e um irmão, estava saindo pra ir para a aula, encontramos uma turma a cavalo, todos armados perguntando onde nós tava indo, e contamos que tava indo à escola, perguntaram dos nossos pais, dissemos que eles estavam em casa, trabalhando, falaram que vieram avisar que nós tínhamos que se arranca dali. Minha irmã começou a chorar pensando que eles queriam matar nossos pais, ficamos sem saber se continuava indo para a escola ou se voltava para casa. Fomos pra escola, mas não conseguimos presta atenção na aula, pois não sabia o que ia acontecer com meus pais. Demos graça quando acabou a aula, saímos correndo e quando chegamos em casa nossos pais estavam vivos. Só contaram que vieram avisar que era pra nós sai de lá, e que queriam queimar a casa. Agora pense, sair do que era teu pra trabalhar como empregado dos fazendeiros. E foi o que aconteceu, tivemos que sair pra não vê, ou surrado, ou massacrado, perigoso até atirarem, porque aconteceu muita coisa feia lá, que a gente se lembra. Por exemplo, um homem foi surrado com chicote e ficou por debaixo dos panos, nunca foi feito nada. Sai pra trabalhar fora, em Mato Grosso, depois de algum tempo meu pai faleceu, voltei pra ficar e passei a cuidar da minha mãe, ela morava comigo, eu era solteiro, casei e ela continuou morando comigo, morou 28 anos e sempre falando nas terras. **Dinarte Marques, 50 anos**



Cemitério de escravos dentro da área do Fundão

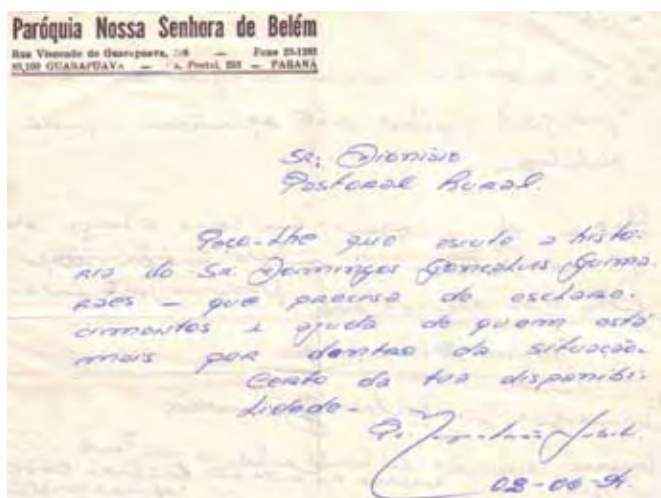
“Na época da expulsão eu não estava porque eu tinha casado e tinha saído já de lá, mas tava meu pai, tava minha mãe e tava meus irmãos. Foi muito dolorido, porque quando eu cheguei de volta pra visitar eles, tava aquela destruição. É... tinham tirado meu pai, tinham tirado minha mãe, meus irmãos né, expulsos, não existia mais nossa casa... meu pai saiu de noite, de noite... só com a roupa do corpo, porque, o que ia levar? Não tinha nem casa”. **Maria Oliveira dos Santos, 71 anos/ Núcleo de Pinhão**

“Foi triste por querer, eu era pequena e não entendia nada vendo meu pai sair com os cargueirinhos, ele saiu pensando o que ele iria fazer da vida dele, porque, não tinha um trabalho, não tinha um emprego, saiu aventurar a vida, assim recomeçamos. Sim, eu falo pra vocês e conto pra vocês que a mudança foi tudo dentro de um cesto e nós um pouco caminhava a pé, um pouco a cavalo”. **Maria da Luz Ferreira, 61 anos/ Núcleo do Pinhão**

Temos sofrido muito, mas temos conquistas...

- Acampamento no Barranco em frente à fazenda desde 1995;
- Apoio e acompanhamento da Pastoral da Terra Região de Guarapuava e entidades parceiras;
- Assentamento de 64 famílias segundo critérios do Inca para Reforma Agrária em 1998;
- Publicação de livro “O Sangue e o Espírito dos Antepassados”, escrito pela Professora Mirian Hartung e publicado pelo Nuer-UFSJ;
- Emissão, pela Fundação Cultural Palmares, da “certidão de auto-reconhecimento quilombola” em 2004;
- Abertura junto ao Inca do processo administrativo de retomada do território, a partir da elaboração do laudo antropológico Laudo Antropológico da Comunidade;
- Consolidação do processo organizativo da comunidade em núcleo, coordenação de núcleos, coordenação geral e conselho de anciões;
- Participação em espaços de formação de lideranças;
- Lei Federal nº 10639/03 que introduziu o ensino afro no currículo escolar;
- Unificação de luta com outros movimentos e comunidades formando a Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais envolvendo povos e comunidades quilombolas, faxinalenses, ilhéus...;

Em nenhum momento deixamos de lutar para voltar ao nosso território...



Documento assinado por Pe. Napoleão da Catedral de Guarapuava solicitando que a Pastoral Rural o acompanhamento da Comunidade

“Não podia buscar lenha, o guardião tinha que acompanhar. Teve tiro na vez que nos entramos lá (primeira ocupação 1996) e saímos com a polícia. Sou nascida e criada aqui (no Fundão). E criei meus filhos neste mesmo lugar. Meu marido também é daqui. Minhas filhas casaram aqui. E estamos aqui no Barranco. Aqui era e, é sofrido, chuva, a lona rasgava, eu tinha que esperar a aposentadoria chegar pra ir lá comprar outra. A lenha não tinha. Muita gente que tinha medo que eles iam fazer alguma coisa para nós. Tinhamos medo do seqüestro. E davam pedrada, cortavam a lona do barraco. Sou uma mulher sofrida, sou uma mulher que

tenho coragem, já era pra mim ter morrido, agora eu to vendo que pode ser que Deus abra as mãos.” **Ondina Maria de Jesus**, 93 anos/ Núcleo Barranco de Reserva do Iguaçu

“Vai fazer dois anos dia 7 de janeiro que estamos no Barranco. O que é mais difícil é a água, luz, poeira e lenha, porque eu não posso puxar água. Quem puxa água pra mim é os companheiros. Já teve ameaça maior da Agrária, mas agora não ameaçam tanto como a polícia, não podemos fazer movimento que eles vão duas ou três vezes. Varam de dia e de noite.” **Domingos Gonçalves dos Santos**, 77 anos/ Núcleo Barranco de Reserva do Iguaçu

“A vida no Fundão era muito boa, tinha festa, reza, trabalho, tinha liberdade. Quando fomos expulsos do Fundão eu já era grande. Depois disso, só tivemos tristeza, é parada em pedacinho de terra, onde não dá pra plantar. Depois que saímos do Fundão fomos pra beira da BR. Fizemos casinha de costaneira e de compensado pra morar. E até hoje, estamos assim, esperando nossa terra. Hoje, estamos morando na beira do Barranco, na beira da área”. **Neli Terezinha dos Santos-Nena**, 47 anos/ Núcleo Barranco de Reserva do Iguaçu

“Eu sou descendente de um dos escravos herdeiros. Quando comecei a entender a nossa história, tinha 7 anos. Fico angustiada por estar lutando até hoje pelos nossos direitos. Nosso papel é bem sofrido. Além, de tá ali no barranco, tem muita gente que tem alergia ao pó, os problemas são que vi muita gente passando fome sem ter recurso, vendo na tua frente e não pode fazer nada. Isso é angustiante, de outro lado, as terras suas e não podendo plantar. Quando fomos buscar água os jagunços vieram no Barranco e jogaram todas as nossas coisas, pegaram as crianças e come



Mobilização da Comunidade em frente a sede da Cooperativa Agrária em 1997

Estamos lutando para conquistar...

- Retomar o território tradicionalmente ocupado
- INVERNADA PAÍZ DE TELHA FUNDÃO;
- Resgate da cultura, religiosidade e práticas tradicionais da comunidade;
- Educação adequada a nossa realidade;
- Habitação;
- Luz;
- Água;
- Saneamento básico;
- Implementos agrícolas;
- Assistência técnica;
- Respeito a nossa cultura;
- Espaço em políticas públicas;
- Reconhecimento da sociedade da forma de vida e da cultura negra quilombola.

çaram a nos jogar no caminhão e nossos pais não podiam reagir, pois os jagunços estavam armados”. **Jocemara dos Santos**, 17 anos/ Núcleo Barranco de Reserva do Iguazu



Acampamento de Herdeiros mantido no “barranco” da estrada que liga o Município de Pinhão e a Reserva do Iguazu em frente a terra do Fundão

Nosso auto-reconhecimento como quilombolas...

“Somos os herdeiros dos 11 escravos, sou neta de Heleodoro, um dos escravos. Mesmo com a certidão de reconhecimento da Comunidade como Quilombola, nós, nos reconhecemos primeiro como **herdeiros** da herança de Balbina Francisca de Siqueira”. **Anália Gonçalves dos Santos**, 77 anos/Núcleo Barranco de Reserva do Iguazu

“Através da luta que contou com a Pastoral da Terra, junto aos descendentes dos ex - escravos, os herdeiros do Fundão foram reconhecidos como Quilombolas.” **Neli Terezinha dos Santos-Nena**, 47 anos/ Núcleo Barranco de Reserva do Iguazu

“A luta pela retomada do **Fundão**, já existe há 70 anos. Por mais que os poderosos da época não admitissem a presença de negros e negras no Estado do Paraná, mesmo assim, nossos avós e bisavós já vinham buscando seus direitos. O negro e a negra nunca teve voz nem vez na região, com isso as suas lutas foram ignoradas. A partir de 1989, seu Domingos Guimarães, seu Eugenio Guimarães, seu Domingos dos Santos, Dona Anália dos Santos e seu Ovídio reativaram a luta, procurando a Pastoral da Terra e começaram a reunir os **Herdeiros do Fundão**, esses se uniram na luta novamente, fazendo passeatas, reuniões, assembleias. Em 2004, dois momentos especiais aconteceram: foi elaborado um livro contendo a história da Invernada Paiol de Telha Fundão , com o título ‘O Sangue e o Espírito dos Antepassados’ da professora Miriam Hartung, publicado pelo NUER–UFSC, também a emissão da certidão de auto-reconhecimento quilombola expedida pela Fundação Cultural Palmares, na qual a Comunidade Negra, ou seja, os **Herdeiros do Fundão** passaram a se reconhecerem como Comunidade Negra Quilombola, mas, antes de tudo **Herdeiros do Fundão**”. **Mariluz Marques Follmann**/ Núcleo de Guarapuava



A auto-cartografia para nós...

“A cartografia pra nós é importante porque nós aparecemos. Somente depois que vocês começaram a fazer toda essa caminhada nos locais onde a comunidade está, é que começamos aparecer lá fora, nós não aparecia lá fora. E nós ficamos felizes”. **Anália Gonçalves dos Santos**, 77anos/ Núcleo Barranco de Reserva do Iguaçu

“Esse trabalho é muito importante, porque a gente pega mais conhecimento porque só dizem herdeiro... herdeiro... herdeiro... Mas não se sabe né... como é que vai ficar, como é que nós estamos, porque dizemos né, porque mesmo assim, dizem né... O que vocês querem do **Fundão**...? no **Fundão** vocês não mandam mais, não é de vocês... essa é a resposta que a gente sempre tem por aí... o **Fundão** é dos alemão... mas não é dos alemão. Eu sempre tenho uma resposta... eu não vendi e não dei... É MEU...Eu não dei... e não vendi pra ninguém... eu não assinei pra ninguém... Me mostre o que é dos alemães. A minha parte não é dos alemães porque eu não dei nada pra ninguém”. **Maria Oliveira dos Santos**, 71 anos/ Núcleo de Pinhão

“Da cartografia é que nós estávamos precisando, vai nos ajudar muito porque o Brasil vai nos conhecer e conhecer nossa história, o Brasil e o mundo, principalmente em Guarapuava e no Paraná, porque aqui “negro do Fundão” não existe”. **Domingos Gonçalves Guimarães**, 74 anos/Núcleo de Guarapuava

“Com a cartografia todos irão enxergar onde nós estamos e como nós estamos, quem nós somos...”
Thelma Mara Andrade e Silva/Núcleo de Pinhão



*Oficina de Mapas 22 e 23 de novembro de 2007
Núcleo do Assentamento*



*Oficina de Mapas 25 e 26 outubro de 2007 no
Núcleo do Barranco em Reserva do Iguaçu*



*Reunião de trabalho da Coordenação Geral da
comunidade com o grupos de antropólogos e
Ministério Público Federal*



*Situação atual dos barracos no
acampamento do “barranco”*



*Oficina de Mapas 29 e 30 de novembro de 2007
Núcleo de Guarapuava*



*Oficina final de mapas e legendas 15 e 16 de fevereiro
de 2008*



*Oficina de Mapas 8 e 9 de novembro de 2007
Núcleo de Pinhão*

Relação dos participantes da oficina final de mapas realizada nos dias 15 e 16 de fevereiro de 2008 na Casa de Formação de Líderes Nossa Senhora de Guadalupe em Guarapuava
Mariluz Marques Follmann, Neli Terezinha, Paulinho do Patrocínio, Iradi Thereza Gomes, Domingos Gonçalves dos Santos, Anália Gonçalves dos Santos, Jucemara dos Santos, Thelma Maria A. da Silva, Erotildes da Cruz, Luan de Machado, Dinarte M. de Oliveira, Leoni das Dores Gonçalves, Joaquina Rosa Gonçalves de Castro, Domingos Gonçalves Guimarães, Heluane Belém dos Santos, Maria Leonida dos Santos Oliveira, Vera Lucia Ferreira dos Santos, Maria Clara G. de Oliveira, João Maria Marques de Oliveira, Manoel Ferreira dos Santos, Dulcymara do Rocio Marques, Rosa Marlene Fantil Dama, Maria de Oliveira, Delson Roque Oliveira, Luisa Viana Paulo Viana e Antônio de Jesus dos Santos

CONTATO

Associação Pro Reintegração Invernada Paiol de Telha
Rua Cândido Xavier Ribas 346 Bairro Santana
85070-695 Guarapuava PR
42. 8404 8279 42. 3622 5599

Projeto Nova Cartografia Social dos Povos e Comunidades Tradicionais do Brasil

- 1 Povos dos Faxinais – Paraná
- 2 Fundos de Pasto
Nosso Jeito de Viver no Sertão
Lago do Sobradinho, Bahia
- 3 Quilombolas de Jambuaçu – Moju, Pará
- 4 Comunidades dos Pescadores e Pescadoras Artesanais
Mostrando sua Cara, Vez e Voz
Submédio e Baixo São Francisco
- 5 Ribeirinhos e Quilombolas, Ex-moradores do Parque Nacional do Jaú Novo Airão, Amazonas
- 6 Quilombolas de Conceição das Crioulas Pernambuco
- 7 Ribeirinhos e Artesãos de Itaquera, Gaspar, Barreira Branca e São Pedro Rio Jauaperi. Roraima e Amazonas
- 8 Quilombolas de Linharinho Espírito Santo
- 9 Cipozeiros de Garuva Floresta Atlântica, Santa Catarina
- 10 Povoado Pantaneiro de Joselândia Mato Grosso
- 11 Comunidade Quilombola Invernada Paiol de Telha Fundão Paraná

REALIZAÇÃO

Associação Pro Reintegração Invernada Paiol de Telha

Núcleos de Reserva do Iguaçu, Guarapuava, Pinhão e Assentamento Rede Puxirão dos Povos e Comunidades Tradicionais

ASSESSORIA



APOIO
PPGDA-UAE
PPGSCA - UFAM

